



CAMUFLAGEM SOCIAL E AS DIFICULDADES DIAGNÓSTICAS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM PACIENTES DO SEXO FEMININO

CAMARGO JUNIOR, Edilson Antônio Oliveira¹

Edilaine Teixeira PAIVA²

RESUMO

O trabalho em questão apresenta uma revisão de literatura acerca da temática: camuflagem social e quais os impactos dessa técnica na prática diagnóstica clínica do Transtorno do Espectro Autista (TEA) com enfoque no sexo feminino. O objetivo central da pesquisa se fundamenta na falta de literatura científica visando pessoas do sexo feminino atípicas, quais as barreiras que enfrentam ao longo de suas vidas e toda a trajetória até conseguirem um diagnóstico. Diante disso, busca-se evidenciar a discrepância diagnóstica entre homens/meninos e mulheres/meninas dentro do espectro, reportando teorias que justificam o mesmo. Apesar do trabalho ter um enfoque bem delimitado, ainda assim também se investigam as dificuldades diagnósticas no TEA em geral e outros aspectos além da camuflagem social que contribuem para esse fenômeno. Entende-se que apenas através da propagação de conhecimento científico relativo à temática, se faz possível uma melhora na percepção de sintomas e na prática do diagnóstico clínico de indivíduos com TEA.

Palavras Chave: Comportamento; Autismo; Mulheres; Obstáculos; Diagnóstico.

ABSTRACT

The work in question presents a literature review on the theme of social camouflage and its impacts on clinical diagnostic practice for Autism Spectrum Disorder (ASD), with a focus on females. The central objective of the research is based on the lack of scientific literature focusing on atypical females, the barriers they face throughout their lives, and the entire trajectory until they receive a diagnosis. Therefore, the study aims to highlight the diagnostic discrepancy between males and females within the spectrum, reporting theories that justify it. Although the work has a well-defined focus, it also investigates diagnostic difficulties in ASD in general and other aspects beyond social camouflage that contribute to this phenomenon. It is understood that only through the dissemination of scientific knowledge related to the theme can an improvement in symptom perception and clinical diagnosis practice for individuals with ASD be possible..

Keywords: Behavior; Autism; Women; Obstacles; Diagnosis.

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. edilsonjunior.sp@gmail.com

² Psicóloga psicologaedilaineipaiva@gmail.com

Introdução

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2018), o Transtorno do Espectro Autista, tendo sua abreviatura como TEA, representa uma variedade de condições caracterizadas por dificuldades na interação social e na comunicação, além de padrões atípicos de atividades e comportamentos, tais como dificuldade na mudança de uma atividade para outra, foco em elementos específicos e reações pouco usuais às sensações. As habilidades e necessidades das pessoas com TEA variam e podem evoluir com o tempo, sendo que algumas pessoas podem viver de forma independente, enquanto outras necessitam de cuidados e apoio ao longo de toda a vida, em decorrência de deficiências graves.

Nos dias atuais, o Transtorno do Espectro Autista é dividido em níveis. No nível 1, exige-se a necessidade de apoio na comunicação social, na ausência desse apoio são causados prejuízos notáveis para o indivíduo em sua comunicação social. No nível 2, a comunicação social demonstra-se intencionada e envolve o uso de habilidades verbais e não verbais. No nível 3, são evidenciados graves déficits nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, acompanhados de prejuízos significativos no funcionamento. Além disso, há uma notável limitação na iniciativa de interações sociais, a presença de comportamentos repetitivos e inflexibilidade comportamental. Importante ressaltar que esses comportamentos são observados nos três níveis do TEA (SOUZA; GONÇALVES; CUNHA, 2019).

A etiologia do distúrbio em questão é considerada multifatorial, uma vez que fatores ambientais, maternos e genéticos contribuem para sua etiopatogenia. Apesar do aumento no número de casos, muitas crianças ainda são subdiagnosticadas. Novas descobertas nesta área têm sido associadas ao aumento dos diagnósticos. Acredita-se que tanto fatores genéticos quanto ambientais desempenham papel importante na etiologia do transtorno (RIBEIRO et al., 2021).

Segundo o Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR)

“As características principais do diagnóstico são evidentes no período de desenvolvimento, mas a intervenção, a compensação e os suportes atuais podem mascarar dificuldades em pelo menos alguns contextos. As manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, nível de desenvolvimento, idade cronológica e possivelmente sexo; daí o termo espectro. Indivíduos sem comprometimento cognitivo ou de linguagem podem ter manifestações mais sutis de déficits do que indivíduos com comprometimento intelectual ou de linguagem concomitante e podem estar fazendo grandes esforços para mascarar esses déficits” (DSM-V-TR, p.159).

De acordo com LIMA et al (2021), em alguns casos, pessoas com TEA podem passar anos sem um diagnóstico de sua condição, um dos fatores que contribuem para esse fenômeno é o grau, que majoritariamente é leve. Esses indivíduos passam anos sem compreender as suas circunstâncias e com a constante sensação de não aceitação e inaptidão para a convivência em sociedade. Outro aspecto é a negação, que é diretamente associada ao preconceito, assim gerando uma falsa relação dos sinais e sintomas a outros fatores.

A investigação dos efeitos ocasionados pelo diagnóstico tardio do TEA, bem como a compreensão dos fatores que levam a tal diagnóstico tardio, constituem um importante tema de pesquisa. Acredita-se que tais informações possam contribuir para o aprimoramento dos processos de triagem e avaliação do TEA, bem como para o fornecimento de suporte adequado às dificuldades enfrentadas pelos indivíduos atípicos em seus percursos de desenvolvimento (SWIERCZYNSKI, 2018, apud LUPINDO; MAW; SHABALALA, 2022).

Um dos principais fatores a ser considerado enquanto afastamento da possibilidade diagnóstica é a demora na percepção dos sintomas. Uma parcela significativa dos autistas, que viveram parte de suas vidas sem diagnóstico, desenvolveram técnicas para camuflar seus sintomas e imitar comportamentos compreendidos como típicos e aceitos pela sociedade (FREITAS, 2019, apud LIMA, 2021).

Com base nos estudos realizados por COSTA e LIMA (2022), compreende-se que, durante a infância, meninas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam uma maior frequência no uso de técnicas de adaptação. Essas

características podem passar despercebidas por um período prolongado de tempo, devido à ausência de perturbação aparentes e, em alguns casos, resultar em um desempenho acadêmico superior à média. Pesquisas apontam uma quantidade em média quatro vezes superior de meninos diagnosticados autistas em comparação a meninas diagnosticadas com a condição. Diversas são as teorias que buscam explicar essa discrepância (MAENNER, 2021).

Nesse sentido, presume-se que o presente estudo possa oferecer uma valiosa contribuição para ampliar a compreensão acerca das dificuldades diagnósticas no Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres, assim como para investigar minuciosamente os fatores primordiais que contribuem para o fenômeno de camuflagem social nesse contexto.

Desenvolvimento

Pressupostos Metodológicos

Segundo DONATO e DONATO (2019), as revisões sistemáticas são amplamente consideradas como evidências de alta qualidade, pois resumem os resultados de todos os estudos originais em um determinado tema. Devido ao crescimento exponencial da literatura científica produzida anualmente, as revisões sistemáticas que coletam as evidências disponíveis têm se tornado cada vez mais cruciais.

Para este trabalho foi realizada uma revisão sistemática envolvendo artigos publicados nas seguintes bases de dados: *Scielo* e *SpringerLink*. Sendo a coleta de dados realizada a partir de pesquisas publicadas entre 2018 e 2023 obtidos por buscas utilizando os seguintes descritores: “transtorno do espectro autista”, “autismo”, “*autism*”, “*camouflaging*”, “*female autism phenotype*”, “estratégias” e “diagnóstico”. Os descritores foram agrupados perante as pesquisas em quatro grupos a fim de selecionar documentos que se adequam à proposta do trabalho.

No primeiro grupo utilizou-se a base de dados *SpringerLink* com os descritores “*autism*” e “*camouflaging*”, filtrando apenas as pesquisas de livre acesso, obtendo assim, direcionamento a 189 resultados correspondentes ao tema, e após ler os resumos, apenas 1 artigo foi selecionado.

No segundo grupo utilizou-se a base de dados *SpringerLink* com os descritores “*female autism phenotype*” e “*camouflaging*”, filtrando apenas as pesquisas de livre acesso, obtendo assim, direcionamento a 72 resultados correspondentes ao tema, e após ler os resumos, foram selecionados 4 artigos.

No terceiro grupo utilizou-se a base de dados *Scielo* com os descritores “transtorno do espectro autista” e “estratégias”, filtrando apenas as pesquisas realizadas de 2018 a 2022 e escritas em língua portuguesa, obtendo assim, direcionamento a 12 resultados correspondentes ao tema, e após ler os resumos, apenas 1 artigo foi selecionado.

No quarto grupo utilizou-se a base de dados *Scielo* com os descritores “autismo” e “diagnóstico”, filtrando apenas as pesquisas realizadas de 2018 a 2022 e escritas em língua portuguesa, obtendo assim, direcionamento a 20 resultados correspondentes ao tema, e após ler os resumos, apenas 1 artigo foi selecionado.

A pesquisa resultou em um total de 293 artigos, dentre os quais 7 foram escolhidos para uma leitura completa por estarem relacionados ao tema proposto para esta revisão sistemática.

Para a seleção dos artigos, foram considerados critérios de inclusão, tais como língua (português e inglês), período de publicação (nos últimos cinco anos) e pertinência do conteúdo em relação ao objetivo e metodologia da pesquisa. Foram excluídos os artigos que não atenderam aos critérios estabelecidos, como aqueles publicados há mais de cinco anos e os que não apresentaram correlação com o tema proposto.

Com base nas referências bibliográficas, foram levantadas informações relevantes a partir da análise dos resumos dos artigos e de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos para esta revisão sistemática. Todos os artigos selecionados foram registrados em uma tabela com informações como autor, ano e fatores que contribuem para o fenômeno da camuflagem social e o surgimento de dificuldades diagnósticas do Transtorno do Espectro Autista. Posteriormente, foi realizada uma discussão sobre como os fatores sociais e ambientais podem contribuir para o surgimento de dificuldades diagnósticas do TEA no sexo feminino.

Os artigos selecionados para essa pesquisa foram publicados em língua portuguesa e inglesa (7 artigos), dos quais são compostos por revisão de literatura,



relatos de caso e artigos originais, sempre dando enfoque à questão da camuflagem social e as dificuldades diagnósticas no TEA.

Tabela 1: *Representa os artigos desta revisão, em relação ao nome do autor, data de publicação, fatores que contribuem para o fenômeno da camuflagem social e o surgimento de dificuldades diagnósticas do Transtorno do Espectro Autista.*

AUTOR	ANO	FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O FENÔMENO DA CAMUFLAGEM SOCIAL E O SURGIMENTO DE DIFICULDADES DIAGNÓSTICAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
CAGE; Troxell-Whitman	2019	Camuflagem social, saúde mental abalada, estigma criado acerca do autismo em mulheres.
Fusar-Poli et al	2022	Confusão entre diagnósticos, falta de informação/recursos por parte dos profissionais, diferentes fenótipos do espectro, sobreposição de sintomas com outros transtornos.
Hull et al	2021	Camuflagem social, saúde mental abalada.



HULL; PETRIDES; MANDY	2020	Gênero, camuflagem dos sintomas, imitação de comportamentos, variação nas formas que o autismo é apresentado por pessoas do sexo feminino, nível de desenvolvimento do país, pessoas do sexo feminino precisam de maior risco ambiental ou carga genética para expressar características atípicas (<i>Female Protective Effect Theory</i>), hormônios mais comuns em homens podem fundamentar características atípicas (<i>Extreme Male Brain Theory</i>), mulheres requerem mais dificuldades adicionais para receber o diagnóstico (<i>Female Autism Phenotype</i>), níveis altos de QI, maiores habilidades socioemocionais por parte das mulheres.
ESTRIN et al	2021	Gênero, comportamento compensatório, preocupação dos pais, recursos financeiros, percepção de outras pessoas, falta de informação/recursos e preconceito dos profissionais,
CONSTANTINIDIS; SILVA; RIBEIRO	2018	Rejeição do autismo, dificuldade na aceitação por parte dos pais, resistência por parte dos profissionais no diagnóstico clínico.
NASCIMENTO; BITENCOURT; FLEIG	2021	Dificuldade de comportamento social.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Observa-se na tabela que alguns fatores responsáveis pelo surgimento de dificuldades diagnósticas do Transtorno do Espectro Autista, se destacam pelo maior número de vezes citados como: a própria camuflagem social, gênero, falta de informações/recursos por parte dos profissionais e saúde mental abalada.

Discussão

A revisão em questão propôs trazer estudos de literaturas nacionais e internacionais a respeito dos fatores que se relacionam ao fenômeno da camuflagem social e as dificuldades diagnósticas no Transtorno do Espectro Autista.

Segundo CAGE e TROXEL-WHITMAN (2019), a camuflagem social enquanto fenômeno é utilizada comumente por pessoas autistas para descrever comportamentos que escondem ou mascaram determinados aspectos atípicos do indivíduo para o seu meio social, seja de forma consciente ou inconsciente. Em um estudo quantitativo feito acerca do fenômeno, relatou-se que os participantes que reportaram utilizar de camuflagem social apresentavam maiores sintomas de depressão e demonstravam o sentimento de não aceitação pela sociedade. (CASSIDY et al., 2018, apud CAGE; TROXEL-WHITMAN, 2019).

Outrossim, adultos com TEA, particularmente os que apresentam um maior quociente de inteligência (QI), podem desenvolver técnicas de imitação e camuflagem social desde a infância, dessa forma prejudicando a percepção dos pais ou cuidadores acerca de suas dificuldades subjacentes. Adicionalmente, também podem apresentar obstáculos para um diagnóstico clínico, pois os sintomas principais podem ser mascarados, ofuscando uma identificação do transtorno (FUSAR-POLI et al., 2020).

Uma pesquisa recente evidenciou que existe uma prevalência de diagnósticos relacionados à saúde mental na população autista. Encontra-se uma prevalência combinada de 20% para transtornos de ansiedade, 11% para transtornos depressivos, 9% para TOC, 5% para transtornos bipolares e 4% para transtornos do espectro da esquizofrenia, dessa forma sugerindo que questões psiquiátricas se apresentam com maior ocorrência em indivíduos com TEA do que em comparação com a população neurotípica (LAI et al., 2019, apud FUSAR-POLI et al., 2020).

Ainda trazendo comparação com a população geral, adultos autistas têm uma tendência maior a ideação suicida, e também uma chance maior de cometerem suicídio (CASSIDY et al., 2018, apud HULL et al., 2021). Enquanto isso, altos níveis de problemas relacionados à saúde mental persistem ao longo da infância, adolescência e idade adulta, e a natureza dessas dificuldades se modifica com o tempo (LAI et al., 2019, apud HULL et al., 2021).

Diante disso, muitos estudos estão sendo desenvolvidos examinando as necessidades e experiências de indivíduos que buscam por um diagnóstico de TEA na vida adulta. Notadamente, há um foco nas dificuldades vivenciadas pelas mulheres na questão apresentada (CRANE et al., 2018, apud HULL; PETRIDES; MANDY, 2020). Um fator a ser considerado é a Teoria do Efeito Protetor Feminino, que consiste na compreensão de que uma maior carga genética é necessária para que mulheres expressem comportamentos atípicos, reduzindo assim, a prevalência de autismo no sexo feminino (HULL; PETRIDES; MANDY, 2020).

Comportamentos compensatórios e de camuflagem foram mencionados como uma barreira para identificação e diagnóstico. A literatura científica documenta que meninas são mais capazes que meninos de compensar ou adaptar-se a características presentes no TEA (HULL et al., 2020; MILNER et al., 2019, apud ESTRIN et al., 2020), isso tem sido sugerido como uma razão fundamental pela qual as mulheres podem não receber atenção clínica ou atingir os limiares diagnósticos durante as avaliações (MILNER et al., 2019, apud ESTRIN et al., 2020).

Através de pesquisas, pais de meninas com TEA sugeriram que meninas eram menos propensas a serem identificadas como autistas por seus professores, isso se dando por conta da camuflagem (COOK et al., 2018, apud ESTRIN et al., 2020). Outro aspecto a ser considerado como barreira para o diagnóstico de TEA em mulheres é a disponibilidade de recursos financeiros. Em grupos de discussão, os pais relataram preocupações sobre a capacidade de arcar com os serviços necessários para suas filhas adolescentes com TEA (MADEMTZI et al., 2018 apud ESTRIN et al., 2020).

Duas possibilidades são levantadas referentes a discrepâncias de gênero no início das dificuldades de comunicação social: que as mulheres apresentam um início tardio nos traços do transtorno do espectro autista em comparação aos homens, ou que dificuldades pré-existentes, possivelmente mais sutis, se tornam evidentes apenas na adolescência, um período de alta exigência social (MANDY et al., 2018, apud ESTRIN et al., 2020).

Destaca-se a partir do estudo de CONSTANTINIDIS, SILVA e RIBEIRO (2018), a importância do diagnóstico clínico enquanto norteador para mães de crianças com TEA. Também aponta a resistência profissional de estabelecer um diagnóstico, orientar e conversar com as mães sobre a questão. O diagnóstico acompanhado por um consecutivo plano de tratamento inter-relacional entre interação social, aprendizagem

motora e percepções sensoriais trazem um desfecho significativo para a vida dessas crianças (NASCIMENTO; BITENCOURT; FLEIG, 2021) .

Considerações Finais

Pessoas atípicas do sexo feminino constantemente passam por diversos obstáculos para entender seu funcionamento cognitivo e seus comportamentos não aceitos pelos seus grupos sociais, uma ferramenta de auxílio para essas pessoas é o diagnóstico clínico, ou pelo menos deveria ser. A realidade percebida são meninas e mulheres exaustas tentando se moldar dentro do esperado para elas, em muitos casos sendo diagnosticadas tardiamente ou equivocadamente.

Uma análise atenta dos aspectos sutis da camuflagem pode ser benéfica para o diagnóstico, assim como uma compreensão clínica aprimorada desse fenômeno em meninas com TEA. Através de pesquisas acerca do tema, fica-se claro a importância que a elaboração de material acadêmico na área possui.



Referências

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Transtorno do Espectro Autista**. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 12 abr. 2023.

1. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-V-TR**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 159.

2. CAGE, Eilidh, TROXELL-WHITMAN, Zoe. Understanding the Reasons, Contexts and Costs of Camouflaging for Autistic Adults. **J Autism Dev Disord**, v. 49, p. 1899–1911, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-03878-x>. Acesso em: 12 abr. 2023.

3. CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid, SILVA, Laila Cardoso da & RIBEIRO, Maria C. Cardoso. “Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo. **Psico-USF**, v. 23, p. 47–58, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230105>. Acesso em: 12 abr. 2023.

4. COSTA, Flávia Lomba; LIMA, Rita de Cássia Pereira. Representações do passado escolar por mulheres autistas sob a abordagem (auto) biográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, v. 7, n. 20, p. 207-221, 2022. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/10663>. Acesso em: 12 abr. 2023.

5. DONATO, Helena; DONATO, Mariana. Etapas na condução de uma revisão sistemática. **Acta Médica Portuguesa**, v. 32, n. 3, p. 227-235, 2019. Disponível em: <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/11923>. Acesso em: 12 abr. 2023.

6. ESTRIN, G. Lockwood et al. Barriers to Autism Spectrum Disorder Diagnosis for Young Women and Girls: a Systematic Review. **Rev J Autism Dev Disord**, v. 8, p. 454–470, 2021. <https://doi.org/10.1007/s40489-020-00225-8>. Acesso em: 12 abr. 2023.

7. FUSAR-POLI, Laura. et al. Missed diagnoses and misdiagnoses of adults with autism spectrum disorder. **Eur Arch Psychiatry Clin Neurosci**, v. 272, p. 187–198, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00406-020-01189-w>. Acesso em: 12 abr. 2023.

8. HULL, Laura. et al. Is social camouflaging associated with anxiety and depression in autistic adults?. **Molecular Autism**, v. 12, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13229-021-00421-1>. Acesso em: 12 abr. 2023.

9. HULL, Laura., PETRIDES, K.V. & MANDY, William. The Female Autism Phenotype and Camouflaging: a Narrative Review. **Rev J Autism Dev Disord**, v. 7, p. 306–317, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40489-020-00197-9>. Acesso em: 12 abr. 2023.
10. NASCIMENTO, Iramar B. do, BITENCOURT, Cristiano. Rech & FLEIG, Raquel. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. **Jornal Brasileiro De Psiquiatria**, 2021, V. 70, p. 179–187. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000326>. Acesso em: 12 abr. 2023.
11. LIMA, Hemily K.Santos et al. Diagnóstico tardio do autismo em adultos. **ENCONTRO CIENTÍFICO DA ENFERMAGEM - ECE**. São Paulo, 2021. São Paulo: Centro Paula Souza, 2021. Disponível em: http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/bitstream/123456789/6927/1/enfermagem_2021_2_hemilykamilasantosdelima_diagno%c3%b3sticotardiодоautismoemadultos.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.
12. LUPINDO, Bomikazi. M.; MAW, Anastasia; SHABALALA, Nokuthula. Late diagnosis of autism: exploring experiences of males diagnosed with autism in adulthood. **Current Psychology**. 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s12144-022-03514-z.pdf?pdf=button>. Acesso em: 12 abr. 2023.
13. MAENNER, Matthew J. et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. **MMWR Surveillance Summary**, 2021. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/ss/pdfs/ss7011a1-H.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.
14. RIBEIRO, Ana Clara Pinesso et al. Fatores etiológicos e riscos associados ao transtorno de espectro autista: revisão bibliográfica. **Jornal Paranaense de Pediatria**, v. 22, n. 1, p. 1-12, 2021. Acesso em: 12 abr. 2023. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/jornaldepediatria.org.br/pdf/aop-28.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.
15. SOUZA, Amândio R.; GONÇALVES, Dalila M. CUNHA, Daniele R. Silva. Transtorno do espectro autista: uma introdução. **SEMINÁRIO CIENTÍFICO E CULTURAL DA AJES**. Matupá, 2019. Disponível em: https://eventos.ajes.edu.br/seminario-cientifico-e-cultural-da-ajes/uploads/arquivos/5e6ac0c32753f_INTRODUO-TEA-.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.